

Coisas cômicas que me irritam

A onda agora é tirarmos proveito e aprendizado de tudo, inclusive daquilo que nos aborrece ou causa sofrimento. Haja paciência! Há situações e acontecimentos que não merecem nenhuma consideração, muito menos que tiremos algum proveito.

Ergo aqui uma bandeira que nos conceda o direito de reclamar do que não gostamos, de não dizer um viva a tudo e a todos. Que coisa mais cansativa essa mania de ser feliz o tempo todo!

Para que você não pense que estou resmungando à toa, vou nomear algumas coisas que me irritam muito e que vira e mexe cruzam o meu caminho. Uma delas é conviver com os senhores e senhoras “Bom Dia” dos grupos de WhatsApp. Fala sério! Se o grupo é para informar as condições do trânsito ou mesmo é um grupo de moradores do bairro, por que dar bom dia todos os dias? Poxa, você não percebe que ninguém responde? Sair do grupo?

Situação difícil! Se sair, você fará o que muitos têm vontade, mas, ainda assim, seria crucificado! Silenciar? E adianta? Tá sempre lá aquele sinalzinho de que existem mensagens não lidas. Afff!

Agora falemos das filas no bufê dos restaurantes. Já acho um atentado ter que almoçar fora do aconchego do lar, enfrentar uma fila e pesar o prato. Mas vá lá, faz parte da vida contemporânea. No entanto, o pior nesse quadro é enfrentar a criatura indecisa, o tranca-fila.

Aquele cidadão que para em frente ao bufê e olha, olha, olha, olha e não sabe o que irá servir. Quando finalmente decide, serve-se de uma folha de alface e uma rodela de tomate. O que dizer então do mal-educado que fura a fila ou que ainda é tão apressado que por vezes fica empurrando com aquela cutucada básica do prato em nossas costas. Cadê o equilíbrio entre a pressa e a calma?

Outra coisa megairritante é desembarcar do ônibus. Tem dois tipos de cidadãos que deveriam ser advertidos: o primeiro é aquele que, mesmo que o ônibus não tenha chegado ao destino, fica parado no corredor, sacudindo-se de um lado para o outro, esbarrando com braços ou bolsas nos passageiros que estão sentados aguardando a hora certa de se levantarem.

O segundo é o cara que ao desembarcar se dá conta que deve entregar o bilhete ao motorista ou cobrador e então decide procurá-lo nos bolsos, na bolsa, na mochila, na carteira e, finalmente, volta aos bolsos e o encontra todo amassado. Depois disso, todos os demais passageiros que o observavam já ansiosos com o desfecho respiram aliviados por saberem que sairão do ônibus antes que o Natal chegue.

Bem, daria para escrever um livro de situações que me irritam no dia a dia, mas por outro lado agora que descrevi os pormenores de algumas delas deu vontade de rir e me dei conta de que se há situações que seriam cômicas se não fossem trágicas, há aquelas que como essas que aqui citei não são trágicas, mas sim cômicas. Pois bem, passou a minha irritação.

Raquel Winter
cronicasraquel@gmail.com



Atriz dedica quase metade dos seus 50 anos a contar o drama do personagem Maria. Na vida real, a rotina é diferente

“Enquanto eu tiver fôlego, não penso em parar”

Atriz e diretora, Deborah Finocchiaro interpreta a personagem Maria faz mais de duas décadas

A peça *Pois é, Vizinha* (apresentada na Univates no dia 8) é resultado do trabalho de conclusão de curso de Interpretação Teatral da atriz Deborah Finocchiaro. Ela vive profissionalmente a personagem Maria desde 1993, um ano após se formar pela UFRGS. A porto-alegrense dedica quase metade dos seus 50 anos a contar o drama de Maria. Na vida real, a rotina de Deborah envolve outros desafios, como ela conta na entrevista a seguir.

Do que uma peça precisa para continuar atraindo público após mais de duas décadas em cartaz?
Deborah Finocchiaro – Eu acredito que é a atualidade do tema, que infelizmente é totalmente atual. Se trata de violência doméstica, e eu sempre penso que é uma violência contra o ser humano. E tem a qualidade do trabalho, com certeza, a persistência. O que eu atribuo a essa constância do trabalho é a dedicação. E o público adora, as pessoas morrem de rir, mas é uma

peça que remete à reflexão, que cria identificação com o espectador. Ela contribui efetivamente para a transformação e é isso que norteia o nosso trabalho.

Em geral, qual o perfil do público do *Pois é, Vizinha*?
Deborah – Ah, de tudo. Eu faço peças para todos os tipos de público. Já vi de tudo que você pode imagi-

nar: gente que nunca tinha ido ao teatro, analfabetos, milionários. Tudo!

Tirar as pessoas da frente do computador e levá-las ao teatro é um problema?
Deborah – É um problema cada vez mais agravado, porque cada vez mais as pessoas têm medo de sair, têm de se expor, de se relacionar. Então, acho que esse é o nosso trabalho também, de ir rompendo esses limites, essas barreiras. E temos que criar essa necessidade. Muita gente nunca foi ao teatro; é diferente do cinema. O teatro tem um agravante: se o cara foi e viu uma peça ruim, dificilmente ele vai voltar. A gente tem a obrigação de levar coisas de qualidade, daí, se o cara vai e gosta, ele vai querer ir sempre, e isso é lindo de ver!

“
Se trata de violência doméstica, e eu sempre penso que é uma violência contra o ser humano

Deborah Finocchiaro

O que você prevê para a peça *Pois é, Vizinha*? Por quanto tempo ela ainda deve ficar em cartaz?
Deborah – Ah, meu amor, nem sei te responder. Enquanto eu tiver fôlego, não penso em parar.